

Discursos visuais que o grafite revela na/da cultura contemporânea

Discursos visuales que el grafito revela en la cultura contemporánea.

Ms. Maria Regiane S. L. Barrozo¹

Dr. José Serafim Bertoloto²

Ms. Muryllo Rhafael Lorensoni³

Ms. Sílvia Mara Davies⁴

Resumo

Este texto objetiva levantar uma discussão acerca do caráter de significação de aspectos vinculados a visualidades na arte do grafite e subjetivações socioculturais. Especialmente nas duas primeiras décadas do atual século, constatar o grafite em diferentes cidades do mundo chama atenção pelo significado presente em sua ação que dialoga entre o popular e o erudito quando este ganha o espaço de galerias e salões de artes. Tal reconhecimento e diálogo antes negados ao grafite é contextualizado nessa oportunidade como referência de análise social e experiência cultural vividas pela contemporaneidade, utilizando para isso, paradigmas da imagem existentes no grafite e que caracterizam aspectos de uma realidade cultural. O que essa técnica pode revelar sobre a contemporaneidade e em que medida sua existência reterritorializada pode descrever um discurso sobre a sociedade e a cultura contemporâneas é o objetivo desse momento. A experiência estética que a apreciação do grafite proporciona é uma permissão para continuarmos em nossa rotina diária sem paradas e tempo para fruções do belo e do gosto, porque ela acontece por onde passamos e se renova atualizando nossas informações e nos comunicando de acordo com a experiência individual sensível de vida, para sua recepção instantânea.

Palavras-Chave: Contemporaneidade; Cultura; Experiência Estética; Grafite.

¹ Mestre em Música e Doutoranda em Estudos de Cultura Contemporânea; PPG em Estudos de Cultura Contemporânea – (ECCO) - UFMT; Cuiabá, Mato Grosso, Brasil; regianemusique@gmail.com

² Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade de Cuiabá – (UNIC). Docente Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea na Universidade Federal de Mato Grosso – (UFMT) E-mail: serafim.bertoloto@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4937833975814371>

³ Mestre e Doutorando em Estudos de Cultura Contemporânea; PPG em Estudos de Cultura Contemporânea – (ECCO) – UFMT; Cuiabá, Mato Grosso, Brasil; mlorensoni@hotmail.com

⁴ Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea; PPG em Estudos de Cultura Contemporânea – (ECCO) - UFMT; Cuiabá, Mato Grosso, Brasil; silvia.davies@srs.ifmt.edu.br

Resumen

Este texto pretende plantear una discusión sobre el carácter de la importancia de los aspectos vinculados a las visualidades en el arte del grafito y las subjetividades socioculturales. Especialmente en las primeras dos décadas del presente siglo, el grafito en diferentes ciudades del mundo llama la atención sobre el significado actual en su acción que dialoga entre lo popular y lo erudito cuando gana el espacio de las galerías de arte y salones. Este reconocimiento y diálogo previamente negado a los grafitos se contextualiza en esta oportunidad como referencia de análisis social y experiencia cultural vivida por la contemporaneidad, usando para esto paradigmas de la imagen que existen en el grafito y que caracterizan aspectos de una realidad cultural. Lo que esta técnica puede revelar sobre la contemporaneidad y hasta qué punto su existencia reterritorializado puede describir un discurso sobre la sociedad y la cultura contemporáneas es el propósito de ese momento. La experiencia estética que proporciona la apreciación del grafito es un permiso para continuar en nuestra rutina diaria sin paradas y tiempo para disfrutar de lo bello y del gusto, porque sucede donde sea que vayamos y se renueva al actualizar nuestra información y comunicarnos de acuerdo con la experiencia sensible de la vida del individuo, para su recepción instantánea.

Palabras claves: Contemporaneidad; Cultura; Experiencia Estética; Grafito.

1. Introdução

Não se refere a dimensão artística prática, se refere a dimensão artística na experiência estética das percepções que ocorrem nas relações sociais agenciadas naturalmente pelo contexto de vida recebido. O que é observado no grafite vai além do que se vê em um primeiro momento, não apenas pelo fato de alguns conteúdos remeterem a questões políticas, sociais, denúncias e realidades sensíveis às reflexões da realidade cotidiana. A colocação que o grafite infere é de comportamento de todo um momento social. As características de operação dessa arte, seu modo de produção e circulação dialogam justamente com as necessidades e intensidades de movimentos, convívios, informações e comunicações efêmeras, as mesmas sentidas e articuladas socialmente em tempos de tecnologias diluentes do tempo e do espaço.

O importante - para uma experiência estética que sugere a arte enquanto cultura - não é o conteúdo do grafite, mas o que sua realização, sua existência nesse momento histórico desse modo particular, revela sobre a cultura contemporânea e diagnostica aspectos de uma realidade social. O potencial em averiguar uma arte enquanto cultura está na significação que damos a ela. Relatos são episódios de uma estética padronizada que detinha rigores a serviço de poucos indivíduos com acesso monetário e “intelectual” para se submeter a essa factível apreciação. A estética que abre espaço à experiência não sobrevive de relatos e sim de significações que são dadas a ela de modo particular e sensível a cada receptor (FILHO, MENDONÇA, PICADO, 2014; DEWEY, 2010).

Não é por acaso que a identificação aqui proposta é com uma arte visual, contudo, do mesmo modo a visualidade analisada subentende mais um paradoxo da imagem em uma outra linguagem do que se refere a representação. A natureza expressiva do grafite e sua logística para se concretizar carregam pertinências que fazem parte de ações aventadas por uma percepção e consciência – mesmo que fulgaz – capturadas através da experiência do olhar, que está ao alcance da velocidade que se necessita para estar atualizado o máximo possível no tempo mínimo possível.

O porquê da evidência de uma arte de rua marginalizada - ainda hoje de várias maneiras - justamente nos tempos atuais de crises desumanas com o aumento explosivo de refugiados por boa parte do mundo, e, soma-se a isso, nos tempos de tecnologia e da imagem

virtual, são questões que deslocam o próprio grafite de uma margem simplesmente visual e permite-o significar nosso próprio tempo. Como dito, a essência não está no conteúdo, por isso mesmo a metodologia permite caminhar por vários grafites ao redor do mundo a fim de estabelecer o conjunto significativo que faz essa arte se presentificar e receber autorizações populares e legais - em alguns casos com suas regras. Desse modo, as imagens de denúncias do sofrimento de refugiados e mortes em tentativas de travessias por mar, de ataques terroristas e utilização de força armada em manifestações civis, entre outras gritando sobre uma realidade sociopolítica desesperadora, me parecem colocar o grafite em evidência por uma curiosa negação ao virtual. Mas não negação à tecnologia. Quando o que está na margem passa a ser reconhecido pela qualidade artística que se vê com os olhos e os locais onde são produzidos propositalmente, há um deslocamento de classes. O grafite não quer negar, ele permite valorizar o popular respeitando suas condições para obter a experiência. Se não é o objetivo do grafite – uma vez que a significação é dado por nós – essa partilha é seu real efeito (RANCIÈRE, 2009), por isso mesmo marca um momento onde podemos olhar para essa arte e obter identificações culturais.

2. Como nos olha o que vemos

Após a imagem receber novas perguntas para obter um significado apropriado ao que se observava em obras de arte, Didi-Huberman (2013) se colocou diante delas e deu sentido supremo e autônomo para a imagem. Rancière (2012) as questionou por vias do destino, comparando-as com outros campos do conhecimento e questionando sua representatividade e suas implicações. Santaella e Nöth (2008) paradigmaticamente as imagens desde a considerada pré-fotográfica, fotográfica e a pós-fotográfica, onde se articulam relações com o real e o irreal (o vídeo e o virtual). Filósofos, historiadores da arte e semioticistas, entre outros, não é difícil encontrar pensamentos de campos distintos interessados na imagem. No entanto, a imagem não fala, nós é que falamos por ela e dela e lhe oferecemos definições e sentidos.

O sentido que estamos apresentando ao grafite também pode sofrer a falta de sua própria fala, mas apenas até o momento em que deixamos ‘ouví-lo’ por outras vias que não os ouvidos ou os olhos: sugiro a via da experiência. Uma comparação seria talvez um exercício inicial. Comparar dinâmicas do grafite com as da vida real. O modo como os interesses acontecem e as relações se manifestam, as redes sociais com diálogos na condição do ideal/irreal, os locais fáceis para se observar ou reconhecer uma obra de arte no muro, na parede, na calçada, a baixo, a cima, onde se estiver, pois é assim que a informação e a comunicação nos chega na contemporaneidade.

Mas o grafite ocupa um lugar diferente desses mundos paradigmáticos, representacionais e autônomos da imagem. Ele não se encaixa nem mesmo no pós-fotográfico irreal - apesar de ser uma arte que dinamize espaço/tempo com sua flexibilidade de locais e valorização pela impermanência de suas obras - por uma característica que é tanto estética quanto popular: a presença.

De forma direta e abrangente, a palavra presença implica na ação de ver, testemunhar ou ainda sentir. É recebida neste raciocínio como imperativo também do popular, que nesse caso se refere ao acesso livre e aberto no qual o grafite se registra e, conseqüentemente, resulta na experiência estética quando a presença se revela, metodologicamente, na qualidade sensível da vida comum, cotidiana, tornando estético a própria existência. Portanto, a presença se insere em condições dialógicas, simbólicas, representativas e significativas na

relação que entendemos contemporânea entre arte e cultura, que é a relação: grafite, territórios de classe popular/erudito e experiência estética.

A referência feita rapidamente a uma diáspora dos refugiados, realidade desse exato momento, é também marcada pela presença, mas uma presença trans, multi e intercultural de experiências confrontadas, trocadas e, com o passar do tempo, reinventadas. Essa observação, a qual deixo ainda a nível do imaginário, apenas pretende ocorrer como corolário das identificações com a presença, citadas, uma vez que, a arte por meio da imagem e da permeabilidade - entre tantas características móveis e dinâmicas do grafite - me parece ter a melhor capacidade para atender as representações e subjetivações de tantas culturas em cruzamentos. O grafite facilita reterritorializações através da particularidade de colocar as culturas no movimento e no espaço em que elas transitam e sofrem suas reinvenções, e, utiliza para isso apenas um elemento: a própria experiência de vida, que é a estética do grafite enquanto cultura contemporânea.

O grafite é uma inflexão para pensarmos de que maneira somos vistos pela arte. Se a imagem tivesse voz, o que ouviríamos sobre nossos próprios comportamentos sociais? Por uma perspectiva, o axioma está dado, e dessa vez por um veículo popular, basta agora sabermos olhar para esse espelho.

3. Conclusões

Esse resumo é parte de uma pesquisa que se encontra em momento inicial com o objetivo de produzir um discurso de análise sobre a cultura contemporânea visionado pela emergência do grafite.

Para o presente escopo, apresentei apenas as partes generalizantes em razão do pouco desenvolvimento, ainda, da pesquisa. Acredito assim, provocar e receber discussões e debates auxiliares. Em sua extensão, a pesquisa será pontuada na produção local e na experiência de um artista, onde serão aplicadas as proposições levantadas e as teorias bibliográficas confrontadas.

De um modo geral, as hipóteses particulares, bibliografias e observações têm me conduzido a um discurso onde constitutivos peculiares da ação visual, dos movimentos gerados pelo olhar, são propriedades conducentes de nossa atual e real sociedade. Não obstante, é nesse mesmo momento em que o grafite se revela como nunca antes. Para tal qual o processo em que será vislumbrado as artes e como a imagem está refletida nesse momento.

Referências

DEWEY, John. A arte como experiência. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010. 648 p.

DID-HUBERMAN, Georges. Diante da Imagem. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2013. 360 p.

FILHO, Jorge Cardoso; MENDONÇA, Carlos Camargos; PICADO, Benjamin. Experiência Estética e Performance. Salvador-BA: EDUFBA, 2014. 229 P.

RANCIÈRE, Jacques. O destino das imagens. Trad. Mônica Costa Neto. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. 152 p.

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e política. Trad. Mônica Costa Neto. São Paulo: EXO experimental org.: Editora 34, 2009. 72 p.

NÖTH, Winfried; SANTAELLA, Lúcia. Imagem: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 2008.